

A VISÃO DE MORENO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PODER NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

RESUMO

A proposta deste trabalho foi avaliar a evolução das relações matrimoniais e esclarecer como elas podem ser compreendidas no contexto de um jogo de poder empreendido pelos casais a partir de seus papéis sociais. Ao desenvolver um estudo qualitativo fenomenológico, promovido com quatro casais residentes em Fortaleza, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semidirigidas. A análise considerou a descrição, a redução e a interpretação fenomenológicas. Buscou-se observar de que modo as negociações decorrentes da convivência matrimonial assumem o aspecto de jogos psicológicos pelo poder desenvolvidos pelos casais, que perpassam as muitas facetas da conjugalidade, incluindo as relações afetivo-sexuais, a parentalidade, a administração dos recursos da família, as profissões dos cônjuges e a interação com as famílias de origem. Os cônjuges utilizam várias formas de poder — como a força e a dominação — para atingir objetivos individuais, e a complementaridade e a cooperação para atingir objetivos comuns. Conclui-se que os papéis sociais estão relacionados a vários aspectos associados às vivências conjugais e podem ainda transformar-se em fonte de satisfação ou de insatisfação, resultantes da progressão do casal nas diversas etapas do ciclo vital da família.

PALAVRAS-CHAVE

Poder, gênero, conceito de papel, fases do ciclo de vida, família.

ABSTRACT

This paper offers an assessment of the evolution of marital relationships and a clarification of how these can be understood in the context of power games undertaken by the partners based on their social roles. The data for this qualitative phenomenological study has been gathered through semi-structured interviews carried out with four couples from Fortaleza. The analysis looked at phenomenological description, reduction and interpretation. We tried to observe the way in which negotiations within the

marital relationship take on aspects of psychological power games between the partners, these being manifest in various aspects of the marital life, such as the affective-sexual relationships, parenthood, the administration of family resources, the profession of the partners, and their interactions with their families of origin. Spouses use various forms of power - such as force and domination - in order to achieve individual objectives, as well as complementarity and cooperation in order to achieve common objectives. The paper concludes that social roles are related to various aspects of marital life, and can become a source of both satisfaction and dissatisfaction, depending on how a couple progresses through the different stages of the family life cycle.

KEYWORDS

Power; gender; role concept; stages of life-cycle; family.

INTRODUÇÃO

Como os papéis sociais exercidos por maridos e por mulheres influenciam a relação conjugal? E de que maneira o poder é exercido a partir destes papéis? Partindo destas perguntas objetivamos compreender, na rede de papéis sociais, como são realizados as relações matrimoniais e o ajustamento entre os cônjuges no que se refere ao poder e ao seu exercício. O desenvolvimento do poder nas relações conjugais está associado à dinâmica do jogo psicológico e político no casamento e na família. Neste sentido, compreendemos que o poder mencionado aqui é social, sendo inerente a todas as interações humanas.

Weber (1913 [2002]) salientava que o poder pode ser exercido por alguém em decorrência de suas qualidades pessoais e das circunstâncias que tornaram a posse do poder legítimo ou ilegítimo. A partir disto, podemos inferir que o poder social circundante na família e no casamento pode ser percebido como potência para quem o detém. No entanto, Foucault (1979 [2004a]) definiu o poder não como uma instância e nem como um lugar a ser conquistado nem como posse exclusiva de alguém, mas como confrontos disseminando em rede na sociedade em macro e microrrelações de poder que se sustentam mutuamente. Em sua visão, as relações sociais são constituídas por expressões do poder, por meio das quais ele transita nos discursos de saber e de verdade, formando por seu movimento as disciplinas que formam e regulam as interações sociais, a cultura e as individualidades de homens e mulheres. Estas individualidades que existem no meio grupal fragmentam-se em diversos papéis ou funções sociais, correspondendo às diversas atribuições assumidas por cada pessoa. Ele concebe que o poder está implicado e implica a todos os indivíduos na sociedade. Para Foucault (2003a) o poder não existe, existindo apenas as relações de poder:

(...) "E não há poder, mas sim relações de poder que nascem, necessariamente, como efeitos e condições de outros processos. (...) pois, o poder nasce de uma pluralidade de relações que se enxertam em outra

coisa, nascem de outra coisa e tornam possível outra coisa. Daí o fato de que, por um lado, essas relações de poder se inscrevem no interior de lutas que são, por exemplo, lutas econômicas ou religiosas. Portanto, não é fundamentalmente contra o poder que as lutas acontecem. Mas, por outro lado, as relações de poder abrem espaço no seio do qual as lutas se desenvolvem” (Foucault, 2003a, pp. 276-277).

Estas relações de poder sustentam e apoiam as grandes estratégias ou relações políticas do Estado, dando-lhes força e autorização para exercerem sua dominação sobre as pequenas estratégias políticas. Por isto, ele afirma que as pequenas relações cotidianas sustentam e autorizam as grandes relações de poder.

Por conseguinte, o poder se estabelece a partir de uma infinidade de pequenas relações de poder denominadas por Foucault (1979 [2004a]) *“microrrelações de poder”* (p. 249), que são exercidas, efetuadas e disseminadas nas trocas humanas, constituídas por uma série de dispositivos interligados em uma rede social dinâmica e mutável de permutas.

Foucault (2003 a) concebe que o poder não possui dono, pois é exercido, todos os dias, nas relações cotidianas. Na família e no casamento, ele é exercido como relações de dominação política e econômica, se desenvolvendo nos pequenos enfrentamentos sociais e familiares do homem com a mulher, da mulher com o homem, do esposo com a esposa, da esposa com o esposo, dos pais com os filhos e dos filhos com os pais.

Desta forma, a concepção de Foucault vislumbra a família e o casamento como importantes espaços tanto de florescimento da subjetividade e da intimidade quanto de execução cotidiana do poder por intermédio de várias características que definem e demarcam a subjetividade de homens e mulheres em sociedade, os quais se materializam nos diversos papéis assumidos por ambos os gêneros no contexto social, familiar e conjugal.

A família é percebida por Moreno (1946 [1997]) como uma comunidade repleta de relações interpessoais entre os membros, afirmando que:

“Quando duas pessoas vivem juntas e se encontram diariamente, então começa a verdadeira situação teatral, proporcionando alegria ou sofrimento. É essa situação que produz o conflito. Converte os solitários habitantes da casa numa comunidade” (p. 76).

No núcleo da família está o casal como intersecção das culturas familiares de origem, sendo ao mesmo tempo a díade fundadora da família e o seu “produto” mais esperado socialmente.

O casamento como instituição legitimadora da união entre famílias transforma-se em um espaço de trocas culturais, sociais, econômicas e políticas entre as famílias, mas, principalmente, com a sociedade. Neste sentido, de acordo com Fernandes (2005), o casamento também pode se transformar em um palco privilegiado de circulação das numerosas microrrelações de poder desenvolvidas pelos cônjuges cotidianamente. Este poder pode estar presente em importantes aspectos das vivências dos casais, como: o afetivo-

sexual, a parentalidade, a administração financeira, a divisão das tarefas domésticas, a relação com as famílias de origem e com as respectivas profissões dos cônjuges. Estes aspectos pressupõem papéis sociais e familiares, vinculados e exercidos por cada cônjuge, que satisfazem às necessidades gerais e específicas dos cônjuges, da família e da sociedade.

Estes papéis sociais são definidos por Johnson (1997) como *“um conjunto de ideias associadas a um status social que definem sua relação com outra posição”* (p.168). Assim, para o autor, os papéis sociais estão em relação de parceria com outros papéis nos grupos. Moreno (1946 [1997]) também compreende os papéis sociais dos indivíduos nos grupos e dos cônjuges no casamento como em constante e íntima relação de atração ou de repulsão com os papéis sociais do outro cônjuge, podendo proporcionar afinidades ou conflitos dentro da interação matrimonial e familiar.

Dentro da perspectiva de um poder social que circula em rede, em que ninguém é seu detentor absoluto, que forma individualidades, assim como a cultura que os cerca e os orienta torna a família e o casamento instâncias tanto de acolhimento e de pertencimento como de reprodução das regras sociais que disciplinam a vida coletiva e individual dos membros da família cotidianamente. A partir deste pressuposto de articulação do poder na família e no casamento buscarei teorizar se os papéis podem ser ou não exercidos como poder no desenvolvimento das relações conjugais e como estas relações são compreendidas por cada cônjuge no matrimônio.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho utiliza os pressupostos teóricos de uma pesquisa qualitativa fenomenológica (Creswell, 1998; Turato, 2003; Monteiro, Merengué, Brito, 2006) no que se refere à busca dos sentidos vívidos e à intencionalidade da consciência dos cônjuges em suas experiências matrimoniais dentro do ciclo vital da família. E, ainda, utiliza os métodos do psicodrama como meio de compreender o fenômeno do desenvolvimento do poder nas relações conjugais a partir dos papéis sociais. Contudo, adequando a visão de homem criativo e espontâneo trazida por Moreno (1992) em seu projeto sacionômico, fundamentei-me na socionomia e me embasei na sociometria como medição investigativa das múltiplas organizações e das escolhas individuais nos grupos sociais (Moreno, 1992; Cukier, 2002; Moreno, 1932 [1974]). Assim, utilizei, para esta pesquisa, a técnica do átomo social transformado em átomo de papéis compreendida como uma estratégia para encontrarmos os sentidos atribuídos por cada cônjuge a cada papel social desempenhado em sua relação conjugal. Para isto, busquei demonstrar como os papéis socioculturais presentes no casamento podem ser exercidos como dispositivos de poder pelos cônjuges em seu desenvolvimento das relações conjugais.

Para Moreno (1992), o átomo social é a menor parte de uma estrutura social e tem como função detalhar quantitativa e qualitativamente as relações empreendidas pelos indivíduos nos grupos. Assim, o átomo social pode ser um instrumento sociométrico de medição das relações sociais, familiares e conjugais, as quais podem ser mensuradas em suas relações

télicas, que podem ser desenvolvidas em pequenos ou nos grandes grupos humanos (Moreno, 1946 [1997]). Para que o átomo social possa ser utilizado em uma pesquisa qualitativa como instrumento de visualização de um fenômeno e de coleta de dados, Moreno (1992) sugere que:

“Devemos localizar todas as pessoas que determinado indivíduo escolheu e todos que o escolheram, todos a quem ele rejeitou e todos aqueles que o rejeitaram, bem como todos os que não retornaram nem as escolhas nem as rejeições deste indivíduo. É esta matéria-`prima` do átomo social de determinada pessoa”.

Moreno (1946 [1997]) também define o átomo cultural como:

(...) “a menor unidade funcional dentro de um padrão cultural. O objetivo cultural pode ser justificado ao considerarmos papéis e relacionamentos entre papéis como o desenvolvimento mais importante dentro de uma cultura específica. Os dois átomos, cultural e social, são manifestações da mesma realidade social”.

O átomo social pode mensurar as configurações sociais por meio dos procedimentos sociométricos, centrados no teste sociométrico. O átomo cultural pode ser investigado e estudado a partir do teste de espontaneidade, do sociodrama e do psicodrama.

Desta forma, compreendendo o átomo social e o cultural como instrumentos privilegiados na pesquisa dos papéis sociais nas relações conjugais e familiares, para analisar os depoimentos a partir de uma leitura psicodramática das relações conjugais e de suas múltiplas negociações dentro do casamento, também os utilizei na observação da dinâmica dos papéis sociais assumidos durante o desenvolvimento relacional dos casais nos muitos ritos de passagem. Bourdieu (1999) denomina ritos de instituição relatados por ele como: o namoro, o noivado, o casamento, o nascimento de filhos, a saída dos filhos do lar, o envelhecimento e a morte de um dos cônjuges, entre outros.

As entrevistas semidirigidas foram realizadas em sala de uma clínica com quatro casais residentes em Fortaleza, em um período de dois meses, com os casais juntos, mesmo que durante a entrevista, no átomo social e cultural, estivesse presente no palco apenas um dos cônjuges. Utilizei também a leitura de Moreno (1946 [1997]) sobre o desenvolvimento de uma típica relação matrimonial, a qual forneceu elaborados átomos sociais. Estes foram transformados em outros gráficos de análise do fenômeno investigado, realizado através da leitura dos papéis sociais.

A participação dos casais ocorreu por meio de um convite verbal e escrito, assinado pelos participantes explicando a proposta da pesquisa e justificando os limites, garantindo o sigilo e a finalidade das entrevistas, concedendo-me permissão de coletar, investigar, analisar e publicar o material coletado. O trabalho foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade de Fortaleza (processo: 082/2005).

Na análise e na interpretação dos dados objetivei descrever e discutir as vivências do poder a partir dos papéis sociais nas relações conjugais conforme expressos nos discursos e nos sentidos atribuídos a elas pelos entrevistados no seu cotidiano, revelando, assim, a forma de ser-no-mundo de cada entrevistado, fundamentados nas concepções existenciais de Sartre (1943 [1997]), Mearleau-Ponty (1945 [1999]) e de Heidegger (1975 [2003]) e, principalmente, na visão de Moreno (1946 [1997]) sobre este fenômeno.

Segui os passos definidos por Husserl (1913 [2006]) em três momentos reflexivos: na *descrição fenomenológica*, de acordo com Boris (2002), transcrevi as entrevistas literalmente a fim de proporcionar fidedignidade à investigação. Na *redução fenomenológica*, reuni as falas dos entrevistados em unidades de sentido (Boris, 2002; Gomes, 1987) que, posteriormente, foram organizadas em “*tipologias nativas*” (Gomes, 1987), ou seja, em grupos de categorias descritivas extraídas das falas dos entrevistados e agrupadas pelos significados semelhantes. A *interpretação fenomenológica* foi desenvolvida a partir da articulação das tipologias nativas com descrições consistentes do pesquisador, unidas à sua compreensão teórica das microrrelações de poder no casamento.

O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES MATRIMONIAIS

Nos gráficos a seguir, Moreno (1946 [1997]) retrata o que ele chama de “*etapas no desenvolvimento de uma típica relação matrimonial*” (p. 401), salientando que se referem a uniões tradicionais de famílias nucleares. Estes foram acrescidos com um círculo, que representa o envolvimento da família de origem nas etapas iniciais do laço conjugal até períodos posteriores do entrosamento matrimonial.

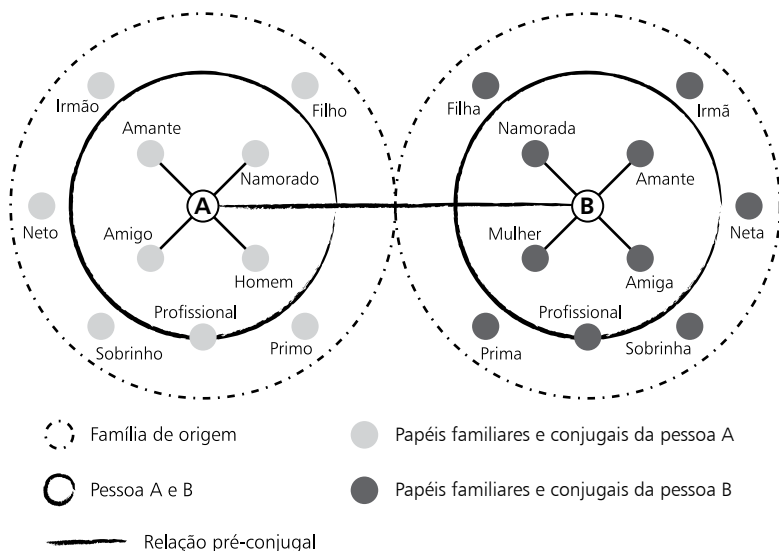


Figura 1. Sociograma I: Estado pré-conjugal – 1ª fase

O gráfico representa os papéis sociais surgidos em uma relação de enamoramento em que as pessoas envolvidas iniciam uma confluência de seus átomos sociais e culturais e uma aproximação de seus sistemas familiares. Os papéis sociais assumidos nesta primeira fase pelas pessoas A e B são divididos em papéis relacionados à família de origem e outros originados a partir da relação do casal. De acordo com Moreno (1946 [1997]), eles pertencem a uma região limítrofe entre a relação do casal e o contato com as famílias de origem de cada um deles.

Neste período, segundo Moreno (1946 [1997]), as pessoas envolvidas se atraem e se ligam muito intensamente, pois seus átomos sociais e culturais começam a se integrar em papéis complementares. O casal concentra-se agora no desempenho dos futuros papéis conjugais que tomam toda a atenção dos envolvidos. Estes papéis sociais exercidos na família são em sua maioria desconhecidos das pessoas que iniciam uma relação pré-conjugal, mas, com o tempo, tornam-se cada vez mais conhecidos por eles na gradativa aproximação de seus átomos sociais.

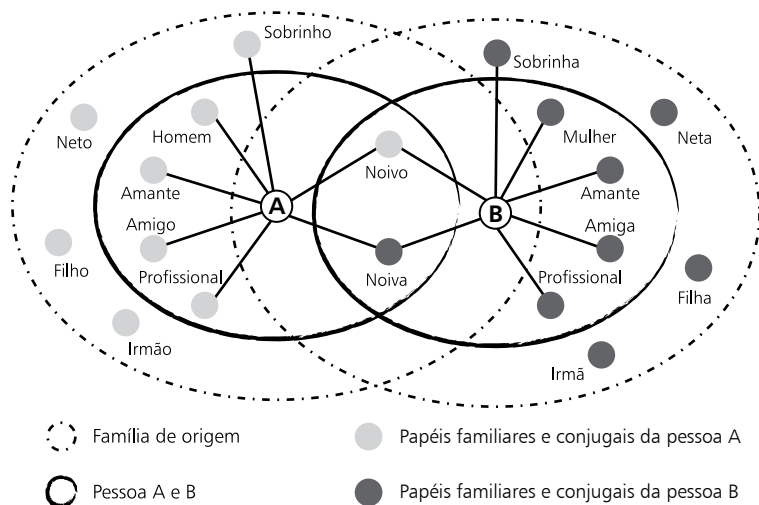


Figura 2. Sociograma II: Estado pré-conjugal – 2ª Fase

Este gráfico representa uma relação de noivado quando ocorre uma aproximação cada vez maior, chegando a iniciar uma sobreposição dos átomos sociais e culturais, tornando os papéis desconhecidos cada vez mais conhecidos e complementares para cada componente do casal. E assim Moreno (1946 [1997]) descreve: *“Os átomos sociais começaram se sobrepondo. Foi estabelecido o relacionamento entre cada membro principal e alguns membros do átomo social da outra pessoa”*. (p. 402).

Os papéis sociais ainda são, para ambos, divididos em familiares e conjugais, mas o papel de noivo(a) se destaca dos demais, pois representa a possibilidade de união das famílias e dos envolvidos pelo matrimônio.

Este papel confirma e fortalece todos os outros papéis conjugais através do compromisso pessoal e social de complementaridade conjugal. As relações desenvolvidas a partir dos papéis familiares e conjugais assumidos demonstram uma preparação do sistema familiar para proporcionar o surgimento do subsistema conjugal.

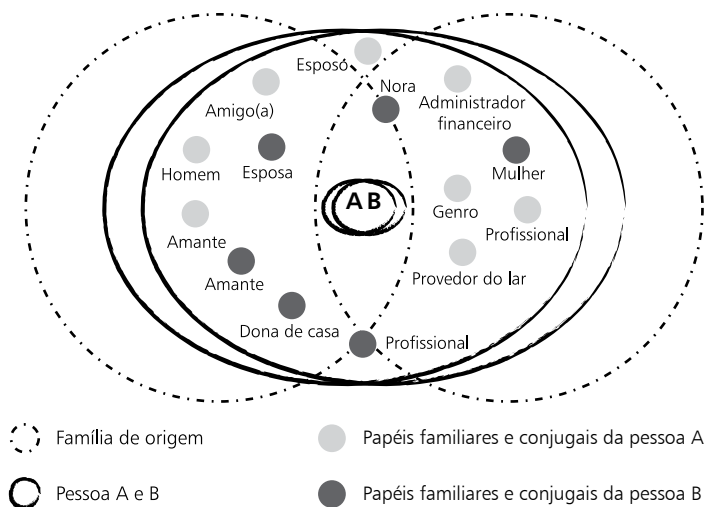


Figura 3. Sociograma III: Estado conjugal – Fase inicial

O casal, no estado conjugal, passa por intensos ajustes em sua relação matrimonial como consequência do surgimento de novos e importantes papéis. Assim, afirma Moreno (1946 [1997]): *“A concretização de uma situação matrimonial não só precipita novos papéis para os parceiros conjugais, mas, debilita ou intensifica papéis já estabelecidos entre eles”* (p. 402). Os cônjuges reagem ao conhecimento do átomo social e cultural do outro pela afinidade ou afastamento de alguns papéis conjugais e familiares. Esta reação representa o sentido que cada cônjuge confere à relação matrimonial como um meio de proporcionar satisfações ou provocar conflitos.

Além disso, os casais têm que conferir uma importância maior aos papéis conjugais em detrimento de alguns papéis familiares. Na busca por satisfação de todos os papéis surgem os atritos e os conflitos, demonstrando a impossibilidade de uma completa satisfação de todos os papéis sociais.

Desta maneira, um novo equilíbrio é estabelecido a partir de acordos entre os cônjuges, que promovem uma nova ordenação dos papéis sociais do casal. Esta negociação pelo reequilíbrio evidencia o surgimento de relações de poder que são materializadas em muitos aspectos, como: nas vivências afetivo-sexuais e parentais dos cônjuges, na aquisição das provisões para a família, na administração financeira, nos contatos sociais e profissionais do casal e na relação com suas famílias de origem (Fernandes, 2005). Todos estes aspectos ativam papéis sociais que podem ser

complementados por cada cônjuge, trazendo a cooperação e a colaboração como resultado de um acordo satisfatório no casamento, ou podem suscitar conflitos, ocorrendo dominação sobre o outro, que podem ser vividos como um jogo de poder em que a violência sutil ou declarada, simbólica ou física pode estar presente (Bourdieu, 2003).

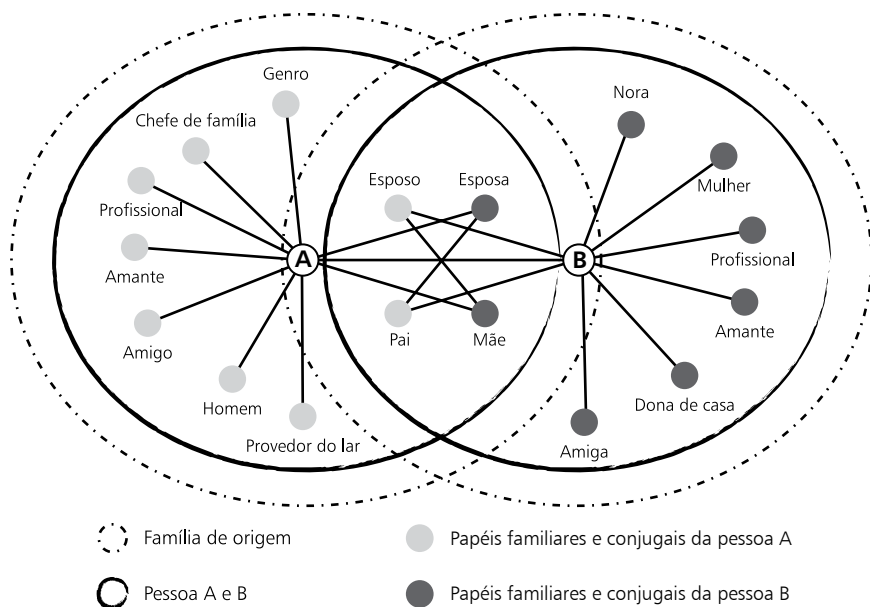


Figura 4. Sociograma IV: Estado conjugal – Fase posterior

Quando o estado conjugal passa para uma etapa de maior conhecimento mútuo, em um período posterior do casamento, torna-se necessário uma série de reajustes para os acordos firmados na fase anterior, e é consequência da passagem do casal pelas etapas do ciclo de vida da família.

Os papéis sociais que, no período inicial do estado conjugal, estavam quase sobrepostos resultaram em um profundo conhecimento dos papéis familiares e conjugais envolvidos em sua relação matrimonial. Contudo, agora, passam a existir papéis que se complementam favoravelmente e outros não, produzindo conflitos. Tais papéis são transformados progressivamente em partes integrantes dos átomos individuais e determinam uma divisão de funções no casamento e na família, havendo um afastamento de alguns papéis sociais, podendo haver uma crescente insatisfação dos papéis envolvidos que podem conduzir a uma provável separação e ao divórcio (Moreno, 1946 [1997]).

Dentre os papéis conjugais, os que se tornam mais evidentes nesta etapa são: os papéis de esposo e esposa e os papéis de pai e mãe, pois, com o aparecimento dos filhos, os componentes originais do casal passam por

uma dupla modificação. A primeira, decorrente da quebra da relação dual e exclusiva do casal, sendo ampliado o subsistema conjugal para um sistema familiar. E a segunda, pela reorganização interna do casal em relação aos objetivos individuais e conjugais. O resultado de tais alterações é o desenvolvimento dos novos papéis de pai e mãe e os de filhos e filhas, os quais tornam os papéis de esposo e esposa restritos e estritamente privados. A privatização dos papéis de esposo e esposa e de amantes faz com que os cônjuges busquem restringir sua intimidade para momentos cada vez mais particulares e específicos (Moreno, 1946 [1997]).

No entanto, em um período mais avançado do estado conjugal, as vivências nos papéis parentais podem produzir atritos entre os cônjuges e os filhos, motivados pelo próprio desenvolvimento de ambas as partes no ciclo vital da família. Os pais buscam adequar-se à dilatação dos átomos sociais e culturais dos filhos, que ativam cada vez mais papéis sociais relacionados a contatos fora do grupo familiar (Moreno, 1946 [1997]).

Assim, não consideramos o poder revelado apenas nos conflitos e atritos decorrentes da interação insatisfatória entre alguns papéis dos cônjuges, mas também nas alianças cooperativas entre os cônjuges para satisfação mútua e nos muitos acordos realizados nas várias fases do desenvolvimento de uma *“típica relação matrimonial”* (Moreno, 1946 [1997]).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro dos quatro estados descritos, busquei encontrar as unidades de sentido a fim de separá-las em tipologias nativas e em tipologias analíticas. As tipologias nativas foram: 1. O namoro; 2. O noivado/casamento; 3. Enfim, casados; 4. Ainda casados. As tipologias analíticas encontradas foram: 1. O papel de namorados; 2. O papel dos noivos; 3. Os papéis conjugais e familiares e 4. Os papéis sexuais, parentais, domésticos e profissionais.

Estado pré-conjugal – 1ª fase

Este período inicial de conhecimento mútuo do casal é chamado por todos os entrevistados de namoro. É caracterizado como um período em que os papéis sociais iniciam uma aproximação, tornando-se paulatinamente mais conhecidos por ambos os namorados.

Diferentemente dos outros casais que estabeleceram o papel de namorados a partir de suas relações como vizinhos e amigos, Charles e Paullete assumiram como papéis sociais os de colegas de profissão e de amigos. Para eles, o papel de namorados foi estabelecido dentro de um processo muito difícil de conhecimento mútuo que foi permeado por dois conflitos decorrentes da separação de Charles e da não aceitação da família de origem de Paullete quanto a sua escolha. Contudo, ao fortalecerem seus laços de afinidade pelo conhecimento mútuo, puderam se unir e se fortalecer contra as dificuldades que surgiram como impedimentos da aproximação afetiva.

CHARLES: “A minha esposa, a anterior, passou a ter uma onda de ciúmes muito grande e a convivência se tornou impossível. Em consequên-

cia disso, eu passei a ter um maior laço de afinidade com a Paullete lá no trabalho. Foi um namoro muito difícil porque os pais dela não admitiam nosso namoro, pois eu ainda era um homem casado. Mas, nós começamos a namorar após uma separação de corpos”.

PAULLETE: “Eu tava num treinamento. Aí nós estreitamos mais nossas relações e acabamos nos apaixonando. Quando minha família soube que eu estava namorando um homem mais velho e casado, nossa! a casa veio abaixo e sem falar no conflito que foi. Teve toda uma pressão muito forte em cima da gente, foi muito difícil, mas, hoje, nós encaramos isso com muita tranquilidade. Nós resolvemos casar”.

Para Moreno (1946 [1997]), o namoro e o noivado são importantes fases de conhecimento mútuo dos papéis sociais de cada cônjuge. Ele está afirmando que os papéis representam as muitas relações empreendidas por cada pessoa nos diversos contextos humanos, as quais formam uma rede de contatos interpessoais. Segundo Foucault (1979 [2004 a]), é através das redes de contato social que o poder compreendido como ato político é exercido cotidianamente nas relações sociais e familiares, propagando-se nas relações microscópicas e macroscópicas no seio da sociedade.

A partir destas concepções compreendo que o poder, neste trabalho, possui o sentido de negociação política entre os cônjuges, pois em seus relatos pude verificar que as negociações entre eles se iniciaram em um período preparatório para o namoro, em que o conhecimento dos primeiros papéis sociais, como de vizinhos, colegas de profissão e amigos, facilitou o contato e a aproximação dos futuros namorados.

Estado pré-conjugal – 2ª fase

Esta fase é marcada pela confirmação de um acordo de compromisso entre os cônjuges, chamado pelos entrevistados de noivado, caracterizado como um período de maior conhecimento e intimidade entre os cônjuges mutuamente e com as famílias de origem de ambos. Os papéis sociais são bem conhecidos dos cônjuges, sendo que o papel conjugal torna-se mais relevante do que os papéis familiares. Neste período os futuros cônjuges iniciam um distanciamento da família de origem, que, por sua vez, favorece o surgimento do casal como uma nova família constituída (Lévi-Strauss, 1982).

Para Frank e Nancy, assumir o noivado foi consequência da evolução do conhecimento mútuo e da relação afetiva. Para eles foi importante a comunicação e a aprovação do noivado pelas famílias de origem, em um momento de ajuntamento e celebração familiar.

FRANK: “Foi uma coisa meio pensada, depois de um ano. Nós notamos que realmente tínhamos um “negócio” mais forte. Também foi de comum acordo. Todo Natal se faz uma reunião de família e a gente também quis aproveitar aquele momento. Foi legal, todo mundo na expectativa. Acho que também teve esse lance, anunciar pra família toda”.

NANCY: “Quando nós noivamos foi basicamente um ano depois que nós começamos a namorar. No começo do namoro ele me perguntou se eu queria casar. Eu fiquei meio assim, porque era uma pergunta muito séria. Mas, depois que nós já estávamos com uns oito ou nove meses, nós nos entendíamos muito bem”.

Frank e Nancy assumiram o noivado e os papéis de noivos após se certificarem de que a afinidade afetiva entre eles poderia conduzi-los ao casamento. Após se assegurarem, em “comum acordo”, da relação conjugal que vivenciavam, resolveram comunicar e pedir a aprovação das famílias de origem sobre sua intenção de formalizarem o matrimônio em festa tradicional de ajuntamento familiar. Com este evento, o casal estava cumprindo uma das etapas para a realização formal do casamento como instituição social, cultural e familiar tradicional.

A partir dos depoimentos dos casais compreendemos que o noivado foi vivenciado diferentemente por cada casal. Contudo, percebemos que o noivado e os papéis de noivos ainda sofrem uma intensa influência da ideologia patriarcal, apresentando marcas indeléveis da visão androcêntrica e da dominação masculina que governaram as uniões conjugais durante muitos séculos (Bourdieu, 1999).

Estado conjugal – fase inicial

Com o casamento inicia-se o período conjugal, que é caracterizado pela ratificação afetiva, familiar, social e jurídica do compromisso entre os cônjuges, que estabelecem uma aliança e um envolvimento mais profundo. Neste período, os átomos sociais e culturais quase se sobrepõem, devido a uma grande proximidade e afinidade entre os cônjuges.

Para o casal Carlo e Sophia o casamento, em seu início, apresentou algumas dificuldades relacionadas ao nascimento e à morte de uma filha com problemas físicos e às muitas crises financeiras que surgiram após o casamento deles.

CARLO: “No começo do casamento, até por inexperiência, a gente vivia discutindo, as crises financeiras, uma filha que nasceu com hidrocefalia. Mas, o nosso casamento foi feito com a base sólida de a gente estar sofrendo, vivendo muita coisa junto e isso foi fazendo com que hoje os problemas que a gente passa, a gente tira de letra”.

SOPHIA: “Nós passamos por muitas lutas e atribuições desde os primeiros anos de casados, uma filha com hidrocefalia que faleceu aos 8 meses e algumas dificuldades financeiras. Passamos por muitos momentos difíceis, de brigarmos muito, mas nós tentamos sempre resolver as coisas, primeiro buscando uma orientação da palavra de Deus. Uma coisa que é muito forte em nosso casamento é a busca pelo diálogo”.

Após o casamento, o casal Carlo e Sophia assumiu os papéis conjugais, parentais, de provedor do lar e de dona de casa, que surgiram simultane-

amente como funções e relações necessárias à união do casal. Eles revelaram que as dificuldades e atritos nos primeiros anos foram provenientes da falta de maturidade nos papéis sociais assumidos. O casal apontou a fé e o diálogo como aspectos importantes na aliança firmada por eles. Podemos considerar que estes aspectos puderam amenizar os conflitos entre os papéis sociais de Carlo e Sophia e estabelecer uma aliança de cooperação que manteve a coesão conjugal. Neste sentido, o átomo social e cultural dos parceiros vinha se aproximando com uma crescente correspondência entre os papéis sociais envolvidos, após o casamento (Moreno, 1946 [1997]) e eles *“aprendem a conhecer-se mutuamente em muitos mais papéis do que antes do casamento”* (p. 405). Ele continua afirmando que *“eles agora atuam a respeito um do outro em papéis que não foram preenchidos antes deste momento”* (p. 401). De acordo com Moreno, estes novos papéis trazem consigo grandes ajustamentos que suscitam novas alianças e novos conflitos. Desta forma, com átomos sociais e culturais quase sobrepostos, o casal realiza a maior e mais intensa aproximação dos papéis conjugais e familiares até esta fase de suas vidas (Moreno, 1946 [1997]).

Dentre os diversos aspectos da vida matrimonial relacionados, o desempenho dos papéis conjugais e parentais se destacou na dinâmica de todos os casais, que apontaram como as duas maiores mudanças que resultaram em diversas relações de poder exercidas em suas uniões, como negociações, concessões e acordos que lhes permitiram cooperar e colaborar mutuamente para enfrentar os novos desafios surgidos após o casamento. Neste contexto, compreendemos que o poder é um feixe de relações que circunscreve a sociedade em uma rede intrincada de contatos interpessoais, que são compostas de macro e microrrelações de poder exercidas cotidianamente e que são, acima de tudo, relações de força e de enfrentamento constantes (Foucault, 1979 [2004a]). São, ainda, relações de força e de enfrentamento reversíveis e contornáveis, pois a dominação nunca existe sem resistência ou, como ele afirma: *“onde há poder há resistência”* (Foucault, 2003a, p. 90). Para este autor (2003 b), a família é uma instituição em que diversas relações sociais de poder ocorrem diariamente. Estas relações podem ser de dominação e/ou de resistência e são exercidas por todos os membros da família mutuamente, tanto na família constituída como na extensa.

Para Carter e McGoldrick (1989), neste período existem muitas relações de poder ocorrendo simultaneamente, pois os cônjuges buscam se ajustar como pessoas e como pertencentes a um subsistema que acabou de nascer. Haley (1991) compreende que na família e no casamento existem muitas relações de poder, ao afirmar que, no período inicial do casamento, *“maridos e esposas aprendem o poder manipulador da fraqueza e da doença, assim como o poder da força”* (p. 51), denunciando a existência e a utilização do poder nas interações conjugais.

Desta forma, percebemos que os casais, neste período, apresentam um considerável conhecimento dos papéis sociais de cada cônjuge, que é consequência da grande aproximação efetuada por eles até o casamento.

Assim, após o casamento, iniciam-se as negociações decorrentes da convivência matrimonial que assumem o aspecto de jogos psicológicos, pelo poder desenvolvido pelos casais, os quais perpassam as muitas facetas da conjugalidade como as relações afetivo-sexuais, a parentalidade, a conquista da provisão, a administração dos recursos da família, as profissões dos cônjuges, a interação com as famílias de origem etc. Por conseguinte, compreendemos que neste período inicial do casamento, os cônjuges utilizam as várias formas de poder, como a força e a dominação, para atingir objetivos individuais, e a complementaridade e a cooperação, para atingir objetivos coletivos (familiares). Por isto, compreendemos a afirmação de Moreno (1946 [1997]), quando diz que *“a situação matrimonial e seus papéis consequentes provocam novas satisfações ou acarretam novos atritos”* (p. 402), definindo que o matrimônio é um período de envolvimento repleto de relações de poder e de ajustamentos necessários à homeostase conjugal e familiar.

Estado conjugal – fase posterior

Os cônjuges começam a aprofundar o conhecimento mútuo dos papéis sociais assumidos por cada um neste período marcado pela intensa vivência dos diversos aspectos que caracterizam a conjugalidade. Os papéis maritais, parentais, sexuais, domésticos e profissionais revelam uma significativa importância nas negociações pelo poder no casamento. Os átomos culturais dos cônjuges iniciam um distanciamento, em razão da não satisfação de alguns papéis. Esta situação gera novos ajustamentos ou novos conflitos que podem fortalecer a aliança matrimonial ou dissolvê-la definitivamente.

Para Richard e Elisabeth, o estar casado apresenta um impasse em relação à sexualidade: as compreensões deles sobre este aspecto são diferenciadas, pois se baseiam em necessidades sexuais particulares de cada cônjuge.

RICHARD: “No caso da sexualidade, houve uma decadência no período de gestação e depois melhorou, mas não como no começo. Quando você está namorando, você se arruma pra aquele momento de encontrar a pessoa amada. Depois que você casa, você chega de noite e quer dormir”.

ELISABETH: “Eu acho que a gente evoluiu muito. O Richard quer sexo todo dia e eu não tenho necessidade de fazer sexo todo dia. Mas, eu me adapto a todo dia, por ele, vamos dizer assim. Por isso, na época da gestação foi péssimo, porque eu não me aceitava. Como é que eu ia gostar que uma pessoa se aproximasse de mim? Então, foi uma forma de defesa minha, eu não queria o Richard”.

O casal Richard e Elisabeth demonstrou, em seus depoimentos, que o papel de amantes está em explícito desacordo no que tange à complementaridade conjugal. Ele afirma que a rotina, o cansaço e a acomodação

ao casamento reduzem sensivelmente o apaixonamento dos períodos anteriores, em que havia mais tempo disponível para os encontros sexuais, além de um número menor de atividades profissionais a serem cumpridas. Elisabeth entra em um paradoxo afirmando que “hoje, eu me adapto a todo dia por ele”, evidenciando que a adequação salienta a satisfação do papel de amante de seu marido e a insatisfação dela, tornando claras as diferentes necessidades sexuais e a falta de complementaridade do casal neste aspecto. Contudo, o depoimento de Elisabeth nos revelou a existência de uma dominação consentida de um cônjuge sobre o outro, desenvolvida como submissão à frequência sexual esperada por seu marido. Esta forma de dominação sexual confirma algumas atitudes esperadas das mulheres pela ideologia patriarcal no casamento, atribuindo a elas a responsabilidade da satisfação sexual do marido e a estabilidade da relação conjugal (Zampieri, 2004).

Pudemos compreender, a partir dos relatos dos casais, que o período logo posterior ao casamento é uma época marcada por muitas negociações e descobertas de aspectos do relacionamento que, no período inicial, não eram percebidos e vivenciados com o profundo conhecimento da dinâmica dos papéis sociais que a convivência prolongada proporciona. Esta etapa da vida do casal é marcada por uma série de mudanças ocorridas pelo crescimento dos filhos pequenos, pela transformação que é promovida pela passagem dos filhos para a adolescência e pela entrada dos cônjuges no estágio tardio da vida (Carter e McGoldrick, 1989). É também caracterizada pela impossibilidade dos cônjuges de realizarem satisfatoriamente todos os papéis do átomo social e cultural de cada um (Moreno, 1946 [1997]). Contudo, o casal busca realizar todos os papéis, o que resulta em muitos conflitos e ajustamentos que podem se transformar em acordos satisfatórios ou em um progressivo afastamento, que poderá culminar em uma definitiva separação (Moreno, 1946 [1997]). Neste sentido, também percebemos que os papéis sociais de amantes, de pai e mãe, de provedor e dona de casa e de profissionais ainda seguem parâmetros socioculturais da ideologia patriarcal, na visão da dominação masculina sobre a mulher, materializada pela sua exclusão dos lugares públicos e do convívio social, tidos como associados ao masculino, e da realização das tarefas mais nobres na família e na sociedade, conferindo a elas lugares reclusos e tarefas menos reconhecidas socialmente (Bourdieu, 1999), mesmo que hoje já existam algumas mudanças significativas neste panorama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de poder entre os cônjuges iniciaram-se no namoro, a partir do conhecimento dos primeiros papéis sociais que revelaram uma construção sociocultural tradicional, determinada como passos a serem seguidos para o reconhecimento social dos futuros cônjuges e suas uniões matrimoniais em eventos confirmadores, como a festa de noivado.

No estado conjugal a quantidade de papéis sociais envolvidos nessa relação aumenta consideravelmente em razão de uma série de eventos como o próprio casamento, o nascimento dos filhos, o aumento das atividades

domésticas e sociais, a administração das finanças da família e o estabelecimento das profissões dos cônjuges. Os casais relataram que, após o casamento, sofreram muitas mudanças nas metas individuais e conjugais. Para alguns houve mudanças na relação afetivo-sexual, para outros, a articulação das atividades profissionais com as domésticas trouxe muitas dificuldades, atritos e acordos importantes para a conjugalidade. Para outros ainda, a relação pessoal de cada cônjuge com as finanças da família e com as suas próprias despesas geraram negociações de cooperação e de colaboração mútua. No que se refere à relação da família constituída com as famílias de origem, um casal relatou muitas dificuldades e conflitos no início do casamento que, com o tempo, foram resolvidos satisfatoriamente.

Neste sentido, percebemos que nesta fase o casal aprimora o conhecimento mútuo e as estratégias de negociação frutos da convivência matrimonial, que são empregados como um jogo psicológico pelo poder utilizado pelos casais. Os cônjuges utilizam as várias formas de poder, como a força e a dominação ou a complementaridade e a cooperação, para atingir metas pessoais ou conjugais. A partir disto, podemos definir o matrimônio como um período de envolvimento, pertencimento e intimidade repleto de relações de poder necessárias à homeostase e à coesão da vivência conjugal e familiar.

O período posterior ao casamento é relatado pelos casais como um período de muito conhecimento dos papéis empreendidos por cada cônjuge, de descobertas de características pessoais e conjugais não percebidas anteriormente, no tempo investido com as profissões, com a família e entre os cônjuges. Este conhecimento pode proporcionar muita satisfação em vista da percepção da mudança do companheiro ou da insatisfação trazida pela constatação da impossibilidade de alterações de características sentidas como promotoras de conflitos e desavenças na união conjugal.

Neste período torna-se evidente a impossibilidade de uma completa e satisfatória complementaridade de todos os papéis do átomo social e cultural de cada membro do casal. No entanto, a desilusão da incompletude relacional pode trazer aos cônjuges a busca por realizar todos os papéis envolvidos na interação conjugal, resultando em muitas negociações positivas e agregadoras, que podem fortalecer a união do casal, ou negativas e desagregadoras, que podem conduzi-los à separação e ao divórcio.

Portanto, podemos considerar que os papéis sociais, familiares e matrimoniais nas relações conjugais, desde o namoro e o noivado até seu desenvolvimento posterior, no casamento, podem ser exercidos pelos cônjuges como dispositivos de poder sociocultural e individual nas múltiplas negociações existente no casamento, podendo tanto ser utilizados para promover a simetria e a complementaridade quanto para produzir assimetria e dominação sobre o outro. Desta forma, constatamos que os papéis socioculturais relacionados aos vários aspectos das vivências conjugais são cenários privilegiados da leitura das relações de poder no casamento, estando intimamente ligados às etapas da vida matrimonial em que se encontram os casais, assim como a sua dinâmica relacional e o sentido individual que cada cônjuge confere ao estar casado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORIS, G.D.J.B. **Falas de homens**: a construção da subjetividade masculina. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CARTER, B. e MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CRESWELL, J. *Five qualitative traditions of inquiry*. In: **Qualitative inquiry and research design**: Choosing among five traditions. Thousand Oaks: Sage, 1998, pp. 47-72.
- CUKIER, R. **Palavras de Jacob Levy Moreno**: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo: Ágora, 2002.
- FERNANDES, A.R. **Poder nas relações conjugais**: Uma investigação fenomenológica sobre as relações de poder no casamento. 2005. 278p. Dissertação de Mestrado em Psicologia - Universidade de Fortaleza, 2005.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 15.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003b.
- _____. **Microfísica do poder**. 19.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979 [2004 a].
- _____. *Diálogo sobre o poder*. In: **Estratégia poder-saber. Coleção Ditos & Escritos IV**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a, pp. 253-266.
- GOMES, W.B. *As aplicações sociais da pesquisa qualitativa*. **Psicologia Reflexão e Crítica**. v. 2, n. 12, pp. 3-12, 1987.
- HALEY, J. **Terapia não convencional**: As técnicas psiquiátricas de Milton H. Erickson. São Paulo: Summus, 1991.
- HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica**: Mundo, finitude, solidão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975 [2003].
- HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 1913 [2006].
- JOHNSON, A.G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1945 [1999].
- MONTEIRO, A.M.; MERENGUÉ, D.; BRITO, V. **Pesquisa qualitativa e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2006.
- MORENO, J.L. **Psicodrama**. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 1946 [1997].
- _____. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1932 [1974].
- _____. *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Goiânia: Dimensão, 1992, v. 1, 2 e 3. In: CUKIER, R. **Palavras de Jacob Levy Moreno**. São Paulo: Ágora, 2002.
- SARTRE, J.P. **O ser e o nada**. Rio de Janeiro: Vozes; 1943 [1997].
- TURATO, ER. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construções teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 1913 [2002].

ZAMPIERI, A.M.F. **Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade**: Sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS. São Paulo: Ágora, 2004.

Endereço do autor:

Rua Pery Negreiros, 208

José de Alencar

Fortaleza - CE

CEP 60830-564

Tel. (85) 3229 3781/ (85) 9111 3347

E-mail: alvaro.reboucas@uol.com.br